

O CARDEAL CEREJEIRA UNIVERSITÁRIO E HOMEM DE LETRAS

Há pouco mais de um mês, evocando na Academia Portuguesa da História a figura de D. Manuel Gonçalves Cerejeira como Doutor insigne pela Universidade de Coimbra e prestigiosíssimo Professor que foi da sua Faculdade de Letras, dizia eu que, sob a púrpura das suas vestes prelatícias e para além das responsabilidades do seu episcopado, simbolicamente visíveis, em dor e amor, na cruz peitoral que Coimbra lhe oferecera na hora de partir, continuara viva a chama do ideal com que generosamente abraçara, na pujança dos trinta anos, a carreira do magistério universitário.

Hoje, ao falar na sede da Universidade Católica Portuguesa, onde ele pôde, afinal, reacender com rútilo fulgor essa chama, sem com isso amortecer o fogo do seu zelo de Bispo da Igreja de Lisboa, numa síntese clara e perfeita, sinto-me na posse de uma singular oportunidade para dar da sua personalidade uma das perspectivas que melhor permitem traçar o perfil do seu espírito e os rumos da sua acção, sem perder de vista os tesouros de sensibilidade que transformaram a sua passagem por este mundo numa luminosa afirmação de Fé, de Inteligência e de Nobreza, num alto exemplo que nem a cegueira dos fracos, a vilania dos maus ou a estupidez dos desvairados lograram em momento nenhum apoucar.

Deus me ajude a aproveitar essa oportunidade, correspondendo assim à confiança que em mim depositaram Sua Eminência o Senhor Cardeal D. António Ribeiro, o Senhor Bispo de Madarsuma, D. António dos Reis Rodrigues, e o Magnífico Reitor da Universidade Católica Portuguesa, Senhor D. José Policarpo, quando tiveram a bondade de me chamar para este ciclo de conferências, ao lado de tão insignes Mestres e Prelados, gesto que eu comovidamente agradeço.

*

* *

Em Setembro de 1909 matriculava-se na Faculdade de Teologia da Universidade de Coimbra um jovem nascido 21 anos antes na freguesia de Lousado, de família modesta de bens e rica de virtudes. Chamava-se Manuel Gonçalves Cerejeira.

Não vinha abonado de mesada farta. A 9 de Outubro, em carta dirigida ao Secretário da Universidade, Manuel da Silva Gaio, solicitava o Arcebispo Primaz de Braga, ao tempo D. Manuel Baptista da Cunha, que o jovem caloiro, candidato a uma bolsa de estudo da Junta da Cruzada, fosse por isso isento de pagar as propinas de matrícula e de livros ¹.

Vinha, sim, precedido de fama unânime quanto às suas qualidades de carácter e aos seus méritos de estudante, sobejamente comprovados nos Liceus de Guimarães, do Porto e no Seminário Conciliar de Braga. Era conhecido o juízo que acerca dele expendera o Arcebispo de Westminster, Cardeal Bourne: ao ouvir a saudação, em francês, que, em nome dos seus colegas, lhe dirigira o seminarista Gonçalves Cerejeira, por ocasião da sua visita à cidade

¹ Transcrevo essa carta do original, guardado no Processo do Doutor Manuel Gonçalves Cerejeira (Arquivo da Universidade de Coimbra):

«Ill.^{mo} e Ex.^{mo} Snr.

Tenho a honra de levar ao conhecimento de V. Ex.^{cia} que Manuel Gonçalves Cerejeira, filho de Avelino Gonçalves Cerejeira, da freguesia de Santa Marinha de Lousado, concelho de Villa Nova de Famalicão, d'este Arcebispado, requereu á Junta da Bulla da Cruzada um subsidio para frequentar a Faculdade de Theologia n'este anno lectivo de 1909 a 1910. A Junta pediu-me informação, que já dei em tudo favoravel ao pretendente, que tem a maxima probabilidade de ser attendido, e por isso pede para V. Ex.^{cia} o considerar como subsidiado pela mesma Junta para os effeitos de não pagar matricula nem livros.

Por minha parte rogo a V. Ex.^{cia} que, se fôr possivel, se digne attendel-o.

Creio que a Junta não tardará em deferir o requerimento por mim informado, na proxima sessão, que segundo officiosamente me escreveram, se realizará ainda no corrente mez.

Deus Guarde a V. Ex.^{cia}

Manoel, Arcebispo Primaz

Ill.^{mo} e Ex.^{mo} Snr. Secretario
da Universidade de Coimbra».

primacial, em 1 de Junho daquele mesmo ano de 1909, o prelado inglês observara: «Aquele rapaz há-de ir muito longe!»².

Moraria, durante o seu primeiro ano de Coimbra, no n.º 5 da Rua das Cozinhas, uma das mais modestas da velha Alta, paredes meias com a Universidade e com a casa da Rua do Cosme, onde tinha por vizinho Eugénio de Castro.

O curso era exíguo, pois com ele apenas se haviam matriculado cinco condiscípulos³.

Desde que, havia mais de um século, o Marquês de Pombal outorgara à Universidade os Estatutos que fundamentalmente continuavam a regê-la, a Faculdade de Teologia arrastava o seu antigo prestígio numa vida cada vez mais penosa. Em 1888 rompera em altas labaredas o fogo da polémica entre a Faculdade que, pela voz do Doutor Damásio Jacinto Fragoso, procurava eximir-se à autoridade episcopal, condicionando o provimento dos cargos eclesiásticos à prévia graduação em Teologia, segundo programas manifestamente feridos de heterodoxia, e o Bispo-Conde D. Manuel de Bastos Pina que, naturalmente, reivindicava o pleno exercício do seu múnus, confirmado, aliás, pela Sagrada Congregação do Concílio, em Julho daquele mesmo ano. Em consequência da intrincada questão (que não mereceu ainda a devida atenção aos historiadores da Universidade), os Bispos passaram a enviar os sacerdotes das suas dioceses para Universidades que acatassem a autoridade pontificia veiculada pelos Ordinários diocesanos, preterindo a Faculdade coimbrã, que deste modo entrara em lenta mas irremediável agonia.

Tenho-me perguntado por que razão o Prelado bracarense, ao arrepio desta situação, mandou o jovem Gonçalves Cerejeira, quase nas vésperas da sua ordenação de presbítero (que ocorreria em Braga, logo a 17 de Dezembro de 1910), frequentar Teologia em Coimbra. Falta de meios para o mandar alhures? Intenção de assim contribuir para a criação de condições que permitissem a recuperação da Faculdade? Objectivos de apostolado entre os jovens?

O tempo era de crise. Em Fevereiro do ano anterior, o Rei D. Carlos e o Príncipe Real haviam sucumbido às balas assassinas

² O discurso vem transcrito por Monsenhor Moreira das Neves, que narra igualmente o facto, em *O Cardeal Cerejeira, Patriarca de Lisboa*. Lisboa, Pro Domo, 1948, 124-129.

³ Todos estes elementos constam dos *Anuários da Universidade de Coimbra*, referentes aos anos lectivos de 1909-1910 a 1915-1916.

do Terreiro do Paço. Um ano depois a República triunfava, sem esforço, pela apatia dos próprios monárquicos. As paixões desenfreavam-se. Os ódios irrompiam e faziam sangrar as almas. Deus era preterido, por palavras e obras, em nome da Liberdade! ...

É neste ambiente, cuja caracterização de pormenor seria inoportuno fazer neste momento, que vai decorrer a passagem de Gonçalves Cerejeira pela Universidade. Ambiente perturbado mas que, talvez pela sua mesma perturbação, lhe iria permitir, com a luz da Fé, a clarividência da razão e a serena objectividade da consciência, seguir um rumo certo e desenvolver nele uma acção de vastas e profundas consequências, como estudante, como sacerdote e depois como professor.

No primeiro ano matriculou-se em *História Sagrada e História Eclesiástica*, regida pelo Doutor Francisco Martins, concluindo a cadeira com 17 valores; em *Teologia Fundamental*, onde o Doutor Manuel de Azevedo e Gama lhe atribuiu igual nota; e em *Grego*, que fez com 16 valores e onde teve por Professor o Doutor Oliveira Guimarães. Foi por isso premiado com *accessit* nas duas primeiras cadeiras.

No segundo ano inscreveu-se em *Teologia Dogmática*, a cargo do Doutor Azevedo e Gama, tendo no exame 18 valores e *accessit*. Igual classificação alcançou em *Sociologia Geral e Filosofia do Direito*, regida pelo Doutor José Gabriel Pinto Coelho. Aí teve pela primeira vez como colega outro jovem igualmente modesto, de seu nome António de Oliveira Salazar. Faria ainda *Hebraico* com o Doutor Mendes dos Remédios. Já então era o único aluno ordinário.

A Faculdade era entretanto extinta, permitindo-se aos alunos inscritos a conclusão do curso. No ano de 1911-1912 concluía, pois, as cadeiras que lhe faltavam e obtinha o Bacharelato, com 18 valores, a 23 de Julho de 1912.

A extinção da Faculdade de Teologia determinaria a breve trecho a ideia de se matricular em Direito. A cadeira que fizera, no cumprimento do 2.º ano de Teologia, acrescenta, em 1910-1911 os *Princípios Gerais do Direito Civil*, onde é aluno do Doutor Guilherme Moreira e tem por colegas Salazar e D. Regina Quintanilha. No ano seguinte, aproveitando certamente oportunidades que o regime de transição oferecia, matriculou-se ainda em *Economia Política, Direito Administrativo, Finanças e Direito Penal*.

Fundara-se entretanto a Faculdade de Letras, por que a clarividência de professores como António de Vasconcelos e Mendes

dos Remédios vinha lutando desde, pelo menos, 1907. E o Padre Gonçalves Cerejeira abandona os códigos para se dedicar com exclusiva atenção ao estudo da História, matriculando-se, a 25 de Outubro de 1912, na Licenciatura em Ciências Histórico-Geográficas.

O *cursus honorum* que agora iniciava na nova Faculdade mais não seria do que a confirmação dos louros obtidos em Teologia e Direito. Naquele primeiro ano inscrevia-se apenas em quatro disciplinas — *Filologia Portuguesa*, regida por D. Carolina Michaëlis de Vasconcelos; *História Antiga*, pelo Doutor Porfírio da Silva; *História Geral da Civilização*, pelo Doutor Francisco Martins; e *Filosofia I*, pelo Doutor Joaquim Alves dos Santos.

No ano seguinte, de 1913-1914, fez *Geografia Geral*, *Geografia Física* e *Geografia de Portugal e Colónias*, com o Doutor Anselmo Ferraz de Carvalho; *História Medieval*, com o Doutor Francisco Martins; *Filosofia II*, com o Doutor Alves dos Santos; *Etnologia*, com o Doutor Eusébio Tamagnini; e *Língua e Literatura Alemã I*, com D. Carolina Michaëlis.

No ano lectivo de 1914-1915 frequentou *Literatura Portuguesa*, com o Doutor Mendes dos Remédios; *Língua e Literatura Alemã II*, com D. Carolina Michaëlis; *História Moderna e Contemporânea*, *História da Filosofia Antiga* e *História da Filosofia Moderna*, com o Doutor Alves dos Santos; *História das Religiões*, com o Doutor João Telo de Magalhães Colaço; *Epigrafia e Paleografia*, com o Doutor António de Vasconcelos; e *Geografia Política e Económica*, com o Doutor Ferraz de Carvalho.

O ano lectivo de 1915-1916 seria preenchido com *Filologia Clássica*, a cargo do Doutor Gonçalves Guimarães e *Arqueologia*, regida pelo Doutor Joaquim de Vasconcelos.

Em nenhuma destas cadeiras obteve nota inferior a 18 valores.

Em Outubro de 1916 apresentava-se a exame de Bacharelato (que equivalia então à Licenciatura). Satisfez provas escritas de *Crítica Histórica*, com 19 valores; *Instituições Antigas, Medievais e Modernas*, com igual nota; *Geografia Política e Económica*, com 18 valores; e *História da Filosofia*, com 20 valores. Submeteu-se além disso a provas orais de *História Geral da Civilização*, com a classificação de 19 valores; *História de Portugal*, *Arqueologia*, *Epigrafia*, *Paleografia* e *Diplomática* e *Geografia de Portugal e Colónias*, com igual nota; e *Geografia Geral*, com 18 valores. A classificação final foi de *Muito Bom*, com 19 valores.

Não admira que, logo a 11 de Novembro daquele ano, fosse contratado como Assistente interino do 4.º Grupo (Ciências Históricas) da Faculdade que tão brilhantemente cursara⁴.

Se me alonguei no pormenor, decerto enfadonho, de tão miúda enumeração curricular, é porque dela podemos tirar várias conclusões não despiciendas.

Em primeiro lugar, que o triunfo do jovem presbítero não resultou de protecções ou de situações cómodas determinadas por aquilo a que a demagogia republicana da época chamava reacção ultramontana, mas de um trabalho empenhado e honesto.

Depois, porque através de tais dados, podemos traçar um quadro, de linhas magníficas, que permite caracterizar e compreender, nos seus fundamentos e na sua essência, a sua multimoda e riquíssima personalidade de intelectual, de universitário e até de Bispo, através de uma cultura de vastos horizontes e sólidos fundamentos, onde os factos eram sistematicamente colhidos na investigação documental, submetidos a uma rigorosa hermenêutica e a um severo exame crítico, para depois permitirem juízos claros e exigentes acerca das figuras que, em outras épocas, fizeram a vida, e acerca dessas mesmas figuras, por este processo ressuscitadas em sínteses de contornos exactos e largas perspectivas, de que a obra consagrada a Clenardo viria a ser a mais perfeita expressão, ao dar, mediante a personalidade e a actividade do famoso mestre flamengo, toda uma panorâmina do Humanismo e da sociedade portuguesa de Quinhentos, que a investigação posterior não viria pôr em causa.

Quando Director da Faculdade de Letras de Coimbra, teve o Doutor António de Vasconcelos a feliz ideia (depois abandonada por compreensíveis dificuldades de execução) de organizar um processo individual para cada aluno. Podemos por isso conhecer com rigoroso pormenor o que foi o curso universitário de Manuel Gonçalves Cerejeira. E não é sem emoção que hoje percorremos as folhas amareladas de 35 linhas, com os exercícios que fez nas aulas, ou os pequenos cadernos com os trabalhos escritos em casa, cuidadosamente caligrafados na sua letra inconfundível (que pouco variaria com os anos!), tendo à margem, a vermelho, os títulos das partes ou capítulos em que organizava a sua exposição, sempre rigorosa, clara e concisa.

⁴ Veja-se o seu processo no A. U. C

Para mim, que não sou historiador de profissão, o que mais impressiona ao ler esses trabalhos é, para além da sua notável maturidade, a constante preocupação do autor em examinar e discutir as fontes do saber histórico, como fundamento essencial do seu estudo e reexame, à luz de uma metodologia e de uma teoria flagrantemente modernas. Mas, ao mesmo tempo que a sua inteligência procedia a esse trabalho, a sua sensibilidade, muito embora não dê crédito aos ouropéis do mito que a fantasia criara ao longo do tempo, não deixa de lhes reconhecer um valor estético especial, colhendo deles um halo de beleza com o qual a nudez da verdade histórica se poetiza, para ganhar novos atractivos. Deste modo a verdade, pelos seus dotes de escritor e pela sua fina sensibilidade estilística, readquire uma roupagem literária que, sem lhe atenuar o rigor da essência, capta a inteligência e o gosto do destinatário. Creio que esta arte de vestir a verdade com um fino manto de beleza literária explica grande parte da sedução que o futuro professor de História havia de exercer mais tarde sobre todos os seus discípulos.

Sente-se, como preocupação dominante do aluno, esse afã da crítica histórica, patente nos próprios títulos de alguns desses trabalhos escolares — *Fontes da história da civilização egípcia e sua apreciação, em especial acerca de Heródoto. Valor e fidedignidade deste escritor em relação ao livro correspondente*, elaborado em 15 de Março de 1913 para a cadeira de *História Geral da Civilização; Sumário e apreciações dos 10 primeiros capítulos dos 'ANÉDOKTA' de Procópio* ou *Sumário e apreciação crítica da «Vita Caroli Magni» de Eginardo*, escritos em Abril e Junho de 1914 para *História Medieval*.

História de Portugal permitiu-lhe um contacto directo e prático com o acervo documental do riquíssimo Arquivo da Universidade, onde viria a ser mais tarde paleógrafo e Director. Desse contacto resultaram trabalhos sobre a estatística das matrículas realizadas na Universidade no quinquénio compreendido entre 1710 e 1714, investigações genealógicas sobre clérigos pertencentes à Sé de Coimbra nos séculos XVII e XVIII (que hoje facilmente se integrariam nas modernas correntes de História Económica e Social), bem como a elaboração dos *curricula* universitários do Dr. Pedro de Freitas Duarte e do Licenciado João Homem de Holanda.

Ainda para essa mesma cadeira elaborou, a 28 de Fevereiro de 1914, um trabalho de casa sobre o *Casamento do Senhor D. Pedro*,

o Cru e de D. Inês. Não resisto a trazer aqui o início dessas páginas, porque são claro testemunho de como, na sua pena, a verdade histórica se despia da lenda na frágua da crítica, saindo dessa operação com não diminuída beleza:

«Creio que não foi dita a última palavra sobre estas duas estranhas figuras da nossa história. A lenda apoderou-se delas, e idealizou-as, profundamente convencionais e hieráticas, num fundo de ouro de criação artística, tocante e dramática, que porventura pouco corresponde à frieza chã da história. Esta, porém, vai-se fazendo, à custa da bela lenda que a imaginação poética dum povo poeta criou: e as duas personagens, idealizadas e santificadas por um amor puríssimo, absorvente e trágico, à medida que entrava na história, vão perdendo a auréola fúlgida — D. Pedro, aquela absolvição de *doido de amor* generoso e amante, a quem a paixão por uma mulher perdeu, a quem essa mulher continua a guiar lá do túmulo onde a atiraram, como uma flor que se atirasse a uma vala e que ainda embalsamasse o ar. — D. Inês de Castro, o seu recorte gótico de virgem amante, ingénua e pura, toda amor — amor que é devotamento, isenção, sacrifício, fervor, paixão, adoração, como uma Julieta ou uma Desdémona ...»⁵.

Mereciam estes trabalhos uma análise mais longa que não posso naturalmente fazer aqui. Baste dizer que, pela fuga ao já dito, pela iniciativa e liberdade de trabalho deixadas ao aluno, pela largueza de perspectivas culturais que abriam, pela problematização a que obrigavam, ofereciam o método adequado à formação de excelentes diplomados.

Por entre alegrias e dificuldades vividas no entusiasmo da sua paixão pela História e no fogo do seu apostolado sacerdotal, que nem um só dia deixou de exercer no meio académico, chegou o Padre Cerejeira ao fim do curso tão auspiciosamente começado e conduzido. Obtidas as cartas de formatura, era nomeado Assistente provisório da Faculdade, a 11 de Novembro de 1916.

Começa de imediato a trabalhar na dissertação de Doutoramento que, por sugestão do Doutor Mendes dos Remédios, iria incidir sobre a figura do humanista flamengo Nicolau Clenardo e sobre o quadro da sociedade portuguesa de Quinhentos delimitado a partir das suas cartas.

⁵ Este conjunto de documentos encontra-se, neste momento, na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.

Em 22 de Novembro de 1917 (um escasso ano depois!) prestava a prova escrita de Doutoramento, sobre o ponto *A crise dinástica no último quartel do século XV*.

Na sua exposição, o candidato, após uma curta introdução, organizou a resposta em três capítulos principais: os Pretendentes; a Nação; Como se venceu a crise. O terceiro destes capítulos aparecia, por sua vez dividido em três partes: a acção do povo, a acção dos homens sobre os acontecimentos; a acção do acaso.

Sob proposta dos Doutores António de Vasconcelos e Alves dos Santos a prova mereceu a classificação de 19 valores.

Seguiram-se, a 23 de Janeiro, a prova oral de *Geografia*, classificada com 19 valores e, a 28 do mesmo mês, a de *História Geral*, na qual obteve 20 valores. Finalmente, a 30, era a defesa da dissertação, que mereceu igualmente 20 valores. A nota final seria também de 20 valores.

O júri era constituído por António de Vasconcelos, Mendes dos Remédios, Alves dos Santos, Oliveira Guimarães, D. Carolina Michaëlis de Vasconcelos, Eugénio de Castro, Anselmo Ferraz de Carvalho, Gonçalves Guimarães, Eusébio Tamagnini e João Telo de Magalhães Colaço. Presidiu às provas orais o Dr. Arnaldo Norton de Matos, que acabava de pedir a exoneração das funções de Reitor.

O próprio candidato havia de evocar, muitos anos mais tarde, esse momento culminante da sua vida:

«Recordo bem a cena [a da defesa da dissertação] — no doutoral, as figuras imóveis, enigmáticas dos lentes, e eu, de cabeça baixa, no meu lugar humilde de candidato; na sala, o conjunto expectante dos assistentes. Tocou ao Doutor Mendes dos Remédios fazer a apreciação académica. Querido mestre e amigo, abriu a discussão fazendo a crítica do livro, entre algumas flores e sorrisos (era da praxe soberana), inflamando-se tanto o diálogo, que alguns mestres participantes propunham que este se prolongasse depois de o bedel ter solenemente anunciado que dera a hora. Estávamos nessa altura a contas com a inquisição e os jesuítas. E no fim, deram à prova 20 valores»⁶.

Ao entregar-lhe as insígnias doutorais em cerimónia singela realizada nesse mesmo dia na Sala do Senado do velho Paço das

⁶ *O Renascimento em Portugal*. II. *Clenardo, o Humanismo e a Reforma*, nova ed. Coimbra, Coimbra Editora, 1975, p. 8.

Escolas, podia, pois, o Doutor António de Vasconcelos dizer com inteira verdade:

«O seu talento formosíssimo e brilhante, a vastidão dos seus conhecimentos, o seu espírito científico, superiores qualidades de método e de exposição, tudo isto foi largamente comprovado, não só nos cursos de três Faculdades, por onde transitou e onde recebeu sempre as mais altas distinções, reservadas aos mais talentosos alunos, mas também na regência de cadeiras, de que tem sido interinamente encarregado. Os seus excepcionais méritos ainda ultimamente foram confirmados nas provas públicas que acaba de prestar; e bem conhecidos são de todos nós os dotes primorosos de carácter e de educação, que o tornam geralmente estimado e respeitado.

Há pois de sobra razão para rejubilarmos pelo ingresso do Senhor Manuel Gonçalves Cerejeira no grémio dos Doutores da nossa Universidade»⁷.

Consagrando todo um percurso anterior de estudante, a síntese carinhosa e elogiosa do velho mestre apontava as seguras promessas do futuro professor.

Logo em conselho de 6 de Fevereiro de 1918, o mesmo Doutor Vasconcelos, renovando as suas congratulações pelo brilho das provas que recentemente havia prestado, propunha a abertura de concurso para dois lugares de Assistente, um dos quais seria de imediato preenchido pelo Doutor Cerejeira⁸, que já participa na reunião seguinte, realizada a 9 de Março.

Volvido pouco mais de um ano, a 7 de Maio de 1919, os Doutores Vasconcelos e Alves dos Santos apresentam ao Conselho da Faculdade nova proposta, com base no artigo 55.º do Estatuto Universitário. Nela se pedia ao Governo a nomeação «com dispensa de provas públicas, do Doutor Manuel Gonçalves Cerejeira para o lugar vago de Professor ordinário do 4.º Grupo (Ciências Históricas) e do Doutor Joaquim de Carvalho para o lugar vago de Professor ordinário do 6.º Grupo (Ciências Filosóficas)». Serviam de base à proposta os importantes trabalhos de investigação original de que os indigitados professores vinham dando sobejas provas. No que ao Doutor Cerejeira dizia respeito alegavam-se ainda os trabalhos reali-

⁷ D. MANUEL GONÇALVES CEREJEIRA, *Vinte anos de Coimbra*. Lisboa, Edições Gama, 1943, p. XXV-XXVI.

⁸ *Livros de Actas do Conselho da Faculdade de Letras*, I, 1911-1925.

zados no Arquivo da Universidade, onde era arquivista paleógrafo, e na direcção das aulas práticas dos cursos de História de Portugal, Paleografia, Epigrafia e Diplomática, de que se achava incumbido⁹.

A proposta não pretendia que o candidato fugisse comodamente à prestação de provas públicas. Logo em Outubro de 1919, com efeito, apresentara-se ele a concurso para Professor ordinário, entregando como dissertação o volume II de *Clenardo*, agora consagrado ao Humanismo e à Reforma¹⁰. As provas haviam chegado a estar marcadas para 1 de Outubro, mas a Universidade ficara entretanto encerrada, em consequência do infeliz decreto de Leonardo Coimbra que desanexara a Faculdade de Letras do velho Estudo coimbrão, para a transplantar para o Porto.

A proposta de nomeação que fora, aliás, assumida por todo o Conselho, mereceu sanção governamental por despacho de 5 de Novembro, e o Doutor Cerejeira entra na posse plena da cátedra que conquistara com tanto brilho e louvor.

A partir de agora, podia o novo Professor consagrar-se com maior largueza de perspectivas ainda, ao ideal universitário a que, com saber e entusiasmo, decidira dedicar-se, como forma da sua actuação no campo do apostolado, edificando pela cultura a cidade de Deus na cidade dos homens. É que o Doutor Manuel Gonçalves Cerejeira viveu e sentiu com grande acuidade o problema da conciliação da Fé com a Ciência e viu desde muito cedo que, no seu tempo, a melhor forma de atingir o coração dos homens para os levar até Deus era a afirmação dos crentes no campo da Ciência — uma Ciência que fosse, ela também, uma afirmação de Deus. Foi certamente por isso que, na sua personalidade, o Professor e o Bispo se harmonizaram com tanto equilíbrio e com tão sazonados frutos.

⁹ O teor da proposta é o seguinte: «Temos a honra de propor ao Conselho da Faculdade de Letras, baseados no art.º 55.º do Estatuto Universitário, que ao Governo seja proposta a nomeação com dispensa das provas públicas, do Dr. Manuel Gonçalves Cerejeira para o lugar vago de professor ordinário do 4.º Grupo (Ciências Históricas) e do Dr. Joaquim de Carvalho para o lugar vago de professor ordinário do 6.º Grupo (Filosofia). Servem de base a estas propostas os importantes trabalhos de investigação original por estes Drs. realizados, e de que têm dado sobejas provas».

¹⁰ Publicado em Coimbra, pela Imprensa da Universidade, em 1918.

Não era o Doutor Cerejeira pessoa que limitasse a sua função de professor às paredes da sala em que dava as aulas, por muito preparadas e atraentes que estas fossem.

Na sequência, aliás, de toda a sua vida em Coimbra, a sua actividade naqueles anos que vão de 1919 a 1928, vai exercer-se em quatro campos principais: as aulas, a investigação, a intervenção renovadora na vida da Escola e o apostolado no meio académico.

Na regência das cadeiras de História, punha o Professor toda a sua aplicação, baseando o ensino que nelas ministrava na questionação e na problematização do saber, fugindo às ideias feitas e exercendo, com summa objectividade, uma crítica sempre apoiada na base documental, para atingir a síntese em que os acontecimentos e as personagens surgiam integrados nas suas épocas, muitas vezes como actores e agentes da sua própria construção.

Para além da metodologia renovada, a sua magnífica cultura geral, a que não eram estranhos os conhecimentos adquiridos no contacto com a Teologia, a Filosofia, o Direito e a própria Geografia, permitia-lhe esse enquadramento que tirava às matérias a secura dos factos isolados, animando-as de uma vida recriada, não pela fantasia, que disso o impedia a objectividade do historiador, mas pela inteligência e pelo saber. Era a reacção contra o Positivismo de Littré e de Comte, animado em feliz síntese, por uma interpretação muito própria de Guizot, Thierry, de Taine, de Gustave Le Bon, de Bergson, ou até de um Oliveira Martins mais historiador e menos criador, mais explorador de arquivos e menos «escritor». Construía assim um saber histórico que restituía ao homem a sua dimensão plena, onde o Transcendente se sobrepunha aos factos, sem perturbar a sua correcta interpretação, o espírito à matéria, sem a menosprezar, e Deus ao Mundo, sem dele fugir, numa salutar reacção contra o cientismo ateu ou apenas materialista que seduziu tanto a sua época.

Para ele a História é «um vasto drama, que algumas vezes se converte em tragédia, em que todos os homens representam. Não curamos de saber agora — prossegue — se tem autor. Os cristãos crêem que é Deus. E em nome da ciência, que tem por objecto o estudo das causas segundas, não se pode afirmá-lo nem negá-lo. Mas os actores são os homens, movendo-se, agitando-se, lutando, morrendo, vivendo. Move-os o meio, a raça, os interesses e o ideal. O ideal é a mais profunda realidade psicológica, erro embora, não importa aqui». Isento e objectivo, o sacerdote e o homem de fé

não esquecia a perspectiva do cientista que a não tivesse, sem todavia, com tal atitude, abdicar dela.

Por isso, para ele, «compreender a evolução das sociedades é compreender o drama humano: é fazer como Shakespeare, analisar as almas, dissecar as suas crenças, as suas paixões, avaliar os seus interesses, viver a sua vida»¹¹.

Deste modo, a qualidade literária assumia uma fundamental importância na apresentação e na transmissão do conhecimento histórico.

As aulas de Gonçalves Cerejeira encantavam os alunos. Frequentavam-nas estudantes de outras Faculdades e Cursos, atraídos pelo saber, mas cativados sobretudo pela clareza, pela isenção e pela elegância da forma por que as apresentava. A este propósito, disse dele um dos seus melhores discípulos, o Prof. Doutor Sílvio Lima:

«Entre as qualidades professorais do Doutor Gonçalves Cerejeira, seja-me lícito frizar três:

I — O grande poder de vida, colorido e relevo que sabe imprimir ao pó histórico.

II — A prudente atitude crítica que o leva a verificar antes de afirmar, certíssimo como está das paixões humanas adúlteras dos factos.

III — A tolerância profunda, humana, cristã, que o propulsa a penetrar — sem violência nem indiscreção — no coração dos outros (a *Einfühlung* dos alemães) de forma a tudo compreender à luz da razão serena»¹².

O segredo daquele encanto estava, pois, em parte muito grande, como já acentuei acima, na sedução literária que a fluência do seu discurso didáctico adquiria, como que numa irradiação de toda a sua personalidade, quando em contacto com os alunos. Ele o apon-tou claramente, em 1926, no prefácio à 2.^a edição do volume I de *Clenardo*:

«Com ser um livro de história, não é um livro somente de erudição, porque de saber feito exclusivamente de citações, o autor tem a mesma opinião que Vieira: *isso não é saber, é lembrar-se.*

¹¹ «*A Mulher*» da Ex.^{ma} Snr.^a D. Virgínia de Castro e Almeida — um livro infeliz, in «Lusitania», ano I, n.º 2, Porto, 1.II.1914, p. 106-107.

¹² O texto vem reproduzido em fac-símile no Catálogo da *Exposição comemorativa do 1.º Centenário do Cardeal D. Manuel Gonçalves Cerejeira. Bibliográfica, documental, iconográfica e de lembranças*. Organização do Instituto Rainha D. Leonor. Lisboa, 1989, p. 47.

Para ele os factos só valem como símbolos das ideias. Mas estas não podem exprimir-se sem algum esmero de forma, porque a realidade não atinge o seu esplendor senão apresentada com arte»¹³.

São estas mesmas concepções e qualidades que marcam os trabalhos de investigação que elaborou, quase sempre em relação directa e muito próxima com a sua actividade docente. Aos dois volumes de *Clenardo* iriam suceder-se *Do valor histórico de Fernão Lopes*, modelo de rigor, serenidade e objectividade na crítica ao livro do General Moraes Sarmiento, *D. Pedro I e a sua época*¹⁴; *O Senhor D. Duarte, filho de D. João III e Arcebispo de Braga*, publicado primeiro, em 1926, no volume II de *Brotéria* e depois integrado na 2.ª ed. de *Clenardo*, que se converte num desagravo historicamente fundamentado às acusações de obscurantismo cultural habitualmente feitas a D. João III e à sua época, tese que a investigação posterior largamente confirmou; as *Notas históricas sobre os ordenados dos Lentes da Universidade*, fruto das suas investigações no Arquivo universitário, que, para além de uma curiosa perspectiva de história económica, envolvem uma panorâmica muito sugestiva do viver quotidiano dos nossos antecessores, desde o século XV, pelo menos, até ao século XIX¹⁵; *O conceito de Idade Média*, pela primeira vez publicado na *Biblos*, em 1928, e depois, em volume, com o título simplificado de *Idade Média*¹⁶, onde, de forma convincente e definitiva, põe em causa a concepção, de matriz renascentista, mas reafirmada por Burckardt, em meados do século passado, segundo a qual aquela época mais não era do que a «longa noite de mil anos».

Toda a sua obra de historiador e de professor de História visaria, assim, provar criticamente e sem pactos com a lenda ou a tradição, por muito veneráveis que fossem, a validade da Ciência

¹³ *O Renascimento em Portugal*. I. *Clenardo e a sociedade portuguesa* (com a tradução das suas principais cartas), 4.ª ed. revista. Coimbra, Coimbra Editora, 1974, p. 5.

¹⁴ *Do valor histórico de Fernão Lopes — Esboço crítico de «D. Pedro I e a sua época», do Sr. General Moraes Sarmiento, Lisboa, 1924*, in «*Biblos*», vol. I, 1925, p. 156-181 e 201-228.

¹⁵ In «*Biblos*», vol. II, 1926, p. 638-673 e vol. III, 1927, p. 30-57.

¹⁶ Foi primeiro publicado em «*Biblos*», vol. III, 1927, 108-138, 447-467, 524-557, 324-338, 422-440 e 570-585. O volume foi publicado em Coimbra, em 1936.

como caminho seguro na prova de que a Igreja e a sua missão de levar Deus aos homens fora, ela também, e sempre, promover o progresso científico. Aqui encontramos, afinal, o nexu que liga, com perfeita coerência, toda a sua obra, desde a *Idade Média* ao grande (e polémico porque grande!) livro que foi e é *A Igreja e o pensamento contemporâneo*.

Aqui, como nas aulas, o historiador afirma-se sempre como um escritor, cuja delicadeza de alma, quase lírica, avulta principalmente quando tem que discordar. Vejam-se como perfeitos modelos desse estilo de crítica, ao mesmo tempo delicada e firme, a já citada análise que fez à obra de Morais Sarmiento ou, com não menos fino recorte, a que lhe mereceu o livro de Virgínia de Castro e Almeida, *A Mulher*, publicada em 1914 na revista portuense *Lusitânia*, de que foi editor.

Toda esta actividade, a que se juntava a intensa participação na pastoral universitária, a que ainda farei referência mais extensa, não impedia o Doutor Gonçalves Cerejeira de prestar desvelada atenção aos múltiplos problemas que a Faculdade, na sua condição de escola ainda em formação, exigia de todos os seus membros.

Respiço dos velhos livros de actas do Conselho da Faculdade, guardados do Arquivo da Universidade, alguns dados, aduzindo-os aqui, por menos conhecidos ou mesmo ignorados.

Nomeado Professor catedrático em 5 de Novembro de 1921, logo a 29 desse mês, era encarregado de secretariar a redacção de um projectado Boletim da Faculdade, que havia, anos depois, de dar lugar à *Biblos*¹⁷.

Na sessão de 18 de Janeiro de 1922, o Director da Faculdade comunicava ao Conselho «ter recebido notícias de Lisboa que o autorizam a afirmar que o Conselho da Faculdade de Letras de Lisboa resolveu sobre o assunto redução de cadeiras e cursos, que se mantivessem as actuais secções [e] que dentro de cada secção poderia fazer-se uma ou outra eliminação, ouvidas previamente as Faculdades». Na sequência de outras intervenções, o Reitor, Dr. António Luís Gomes, presente à sessão, propôs a constituição de uma «comissão que estudasse especialmente este assunto, elabo-

¹⁷ «O Dr. António de Vasconcelos, por fim chama a atenção do Conselho para a conveniência de se fazer sair o Boletim da Faculdade, resolvendo-se que o Dr. Gonçalves Cerejeira exerça o cargo de secretário da redacção desse Boletim» (*Actas de Letras*, I, fl. 168).

rando um plano de estudos de harmonia com os interesses do ensino». Para essa comissão logo foi escolhido o Doutor Cerejeira, com os Doutores Oliveira Guimarães, Mendes dos Remédios, Carolina Michaëlis e Joaquim de Carvalho¹⁸.

A 24 de Março de 1922 subscreve a proposta de Doutoramento em Letras a José Maria Rodrigues, visto que o grande camonista era apenas Doutor em Teologia¹⁹.

A 27 de Junho seguinte propõe ao Conselho que se encomende um retrato do Doutor António de Vasconcelos ao pintor António Carneiro, pretendendo com essa homenagem significar a gratidão da Escola ao seu velho Mestre e primeiro Director²⁰.

A 23 de Julho de 1924, propõe que se solicite ao Ministro da Instrução Pública a rectificação de um decreto (o n.º 6971), de 12 de Maio anterior, que extinguiu o lugar de conservador da biblioteca²¹.

Na sessão de 22 de Junho de 1925, propõe, com o Doutor António de Vasconcelos, a nomeação do Doutor Aristides de Amorim Girão para Professor Ordinário do 5.º Grupo (Geografia)²².

¹⁸ *Ib.*, fl. 169v.

¹⁹ *Ib.*, fls. 171v-172.

²⁰ «O Dr. Gonçalves Cerejeira propõe que a Faculdade adquira o retrato do Dr. Vasconcelos, obra do pintor António Carneiro, como homenagem ao que foi seu primeiro Director e é ilustre Professor» (*ib.*, fol. 175v).

²¹ *Ib.*, fl. 188v.

²² «Seguidamente, o Dr. Gonçalves Cerejeira lê também a seguinte Proposta — Tendo terminado em 13 do corrente mês de Junho, as suas provas de concurso para Assistente de Geografia (5.º Grupo) o Doutor Aristides de Amorim Girão, e considerando:

a) que o Dr. Aristides de Amorim Girão tem desmonstrado nos actos públicos a que se sujeitou para a Licenciatura, Doutoramento e agora para a Assistencia o mais completo e seguro conhecimento das matérias que professa;

b) que tem regido cadeira desde o anno de 1918 com a mais distinta proficiência e zelo;

c) que, alem das suas notáveis dissertações, respectivamente para o Doutoramento e para a Assistencia, *Bacia do Vouga e Viseu*, trabalhos de investigação original e até novos em Portugal, — tem já uma apreciável obra científica, a saber: *A Geografia Moderna — Evolução, conceito, relação com as outras ciências (ensaio de síntese)*, publicado na Revista de Universidade, vol. VI, n.º 3 e 4; *Antiguidades pré-históricas de Lafões (contribuição para o estudo da Arqueologia em Portugal)*, publicado nas *Memórias e Notícias do Museu Mineralógico e Geológico da Universidade de Coimbra*, n.º 2; *Elementos para o estudo da arte rupestre em Portugal*, comunicação feita ao Congresso Luso-Espanhol do Porto, em 1921; *Arte rupestre em Portugal (Beira Alta)*,

A 21 de Outubro propõe que se regulamentem, através de diploma próprio, as missões de estudo dos Professores ao estrangeiro²³.

A criação dos Cursos de Férias, em 1925, deu-lhe lugar a uma intervenção tão notável e eficaz que seria por ela louvado em despachos governamentais publicados na folha oficial de 27 de Outubro desse ano e 18 do mesmo mês do ano seguinte.

A 14 de Abril de 1926 é designado para, com o Doutor Joaquim de Carvalho, fazer um dos discursos na cerimónia da solene imposição de insígnias de Doutor *honoris causa* ao célebre romanista Meyer-Lübke²⁴.

A 18 de Julho de 1927 via-se nomeado para substituir o Doutor António de Vasconcelos na direcção do Arquivo e Museu de Arte da Universidade.

Especial cuidado lhe mereciam a formação científica e os problemas pedagógicos dos alunos. Assim, no conselho de 24 de Outubro de 1921, apresentava a seguinte proposta: «Considerando a manifesta impossibilidade de se fazerem cursos paralelos, e considerando mais a necessidade de se habilitarem os professores das várias secções com os elementos indispensáveis para julgarem as provas

publicado na Revista *Biblos*, n.º 3, colaboração vária no *Boletim do Segundo Congresso Beirão, Arqueólogo Português*, etc.;

d) que é necessário provas de professor do 5.º Grupo (pois presenteemente este Grupo carece de professor) — os professores abaixo assinados, professores do grupo e cadeiras afins, têm a honra de submeter à aprovação da Faculdade a presente proposta para a nomeação para *Professor Ordinário do 5.º Grupo*, Geografia, do Doutor Aristides de Amorim Girão, nos termos do art.º 55 do Estatuto Universitário». Coimbra, 22 de Junho de 1925. *Dr. António Garcia Ribeiro de Vasconcelos — Dr. Manuel Gonçalves Cerejeira* (*Ib.*, Livro II, fols. 6-6v).

²³ Propusera-se o Dr. Gonçalves Guimarães partir em missão ao estrangeiro a fim de «fazer estudos de fonética experimental e coligir materiais para escrever um manual sobre a pronúncia normal do português». Usando da palavra a seguir ao Doutor Joaquim de Carvalho, que se congratulara com a proposta, «O Dr. Gonçalves Cerejeira, congratulando-se também com essa missão de estudo ao estrangeiro, diz entretanto ser necessário que a Faculdade regule a forma de efectivar essas missões e o critério a seguir na escolha dos que delas devem ser encarregados, a fim de evitar quaisquer inconvenientes de futuro, podendo convocar-se uma sessão especial para isso» (*Ib.*, fol. 8v).

²⁴ *Ib.*, fl. 18.

finais de cada curso, proponho que em todas as cadeiras e cursos da nova Reforma se faça um exercício na aula»²⁵.

O decreto n.º 10199, de 20 de Outubro de 1924, alterava o regime de algumas cadeiras, sem ter havido qualquer consulta prévia à Faculdade. Logo no conselho de 31, dando o seu aplauso à reclamação que os colegas pretendiam apresentar pelo facto, ponderava que se devia ainda salientar quanto o regime criado era perturbador, porquanto «é preciso preparar muito bem os nossos alunos, o que não se conseguirá, permanecendo o critério de preleccionar apenas sobre uma parte, bem exígua por vezes, do programa». E, com a sua habitual largueza de vistas, logo propunha que se realizasse uma congregação aberta aos Assistentes para o cuidadoso debate de tão importante questão²⁶.

Não admira por isso que, excelente professor e apostado mantenedor dos seus justos direitos e interesses, nas instâncias próprias, fizesse em cada aluno um admirador e um amigo, a todos animando e acarinhando, independentemente das posições políticas, ideológicas ou religiosas. É nesse espírito que, em 1923, acompanha a Tuna Académica numa digressão por Espanha, merecendo, pela forma como desempenhou essa representação, louvor oficial do Senado universitário.

Tratava os jovens com lhanheza, afabilidade e compreensão, pronto a ouvi-los e a aconselhá-los.

Sempre assim procedera, aliás, desde os tempos de estudante. Se necessário, defendendo com galhardia e destemor as causas ou ideias que considerava justas, ou batendo-se contra as injustiças.

Não enjeitara Gonçalves Cerejeira, quando chegara a Coimbra, a participação activa nas questões que então agitavam profundamente a Academia, dividida entre monárquicos e republicanos, entre os que proclamavam a liberdade para abafarem a liberdade dos outros e os que lutavam por uma verdadeira liberdade do espírito, entre os que acreditavam em Deus e os que, acicatados pela Maçonaria, não permitiam aos outros que acreditassem.

Era nos tempos do *Imparcial*, cujo primeiro número saíra a 22 de Fevereiro de 1912, quando Sardinha, Hipólito Raposo e Pequito Rebelo lançavam os primeiros brados do que viria

²⁵ *Ib.*, Livro I, fl. 167.

²⁶ *Ib.*, fl. 192.

depois a corporizar-se no Integralismo Lusitano. O C.A.D.C., de gloriosa memória para tantos de nós, era depredado e saqueado. Os actos de devoção do Mês de Maria, celebrados na igreja de S. João de Almedina, eram perturbados às ordens da «formiga branca». Gonçalves Cerejeira não hesita em lutar galhardamente pela sua fé e pelas suas ideias. Até de uma pistola chegou a munir-se, que lhe emprestara o Doutor Diogo Pacheco de Amorim; mas depois — conta nas *Notas sobre «O Imparcial»*:

«entrei de pensar que, se puxasse da pistola e os agressores se não atemorizassem, me não atreveria a desfechar, ficando no fim sem a pistola e... com a respectiva tarefa; se não puxasse dela, maior vergonha seria deixar-me bater, estando armado [...]. E com estas considerações fui levar a pistola ao dono»²⁷.

Desse tempo lhe ficara o ardor combativo, mas exercido pela palavra. E da sua longa experiência de convívio com a gente nova, lhe ficara um poder de insinuação, sempre discreta e justa, que a sua integridade, a sua rectidão de carácter, a inteligência e qualidade do seu trabalho, o seu testemunho de sacerdote e de cristão, maravilhosamente secundavam e reafirmavam, abrindo-lhe os corações e as almas daquela juventude sequiosa de ideal.

Pôde por isso o Padre Gonçalves Cerejeira prolongar a sua acção de professor no campo do apostolado. Quando celebrava com unção e humildade o Sacrifício Eucarístico na capela do Doutor Sousa Gomes, como quando, com outros sacerdotes, entre os quais se contava o saudoso Padre Luís Lopes de Melo, perscrutava com delicada penetração as feridas de consciência dos seus companheiros e alunos, ou quando, em conferências, congressos e artigos, sabia encontrar o argumento seguro, a palavra clara e o exemplo que convence sempre mais do que os argumentos e as palavras. São paradigmáticas dessa segurança como formador de consciências, as considerações que, nas *Cartas aos novos*, faz acerca da «Action Française»²⁸, então objecto de agitada discussão no meio estudantil de Coimbra pelos aderentes ao Integralismo Lusitano, movimento pelo qual não escondeu aberta simpatia²⁹.

²⁷ *Vinte anos de Coimbra*, p. 223.

²⁸ *Cartas aos novos*. Sep. de «Estudos», Coimbra, 1933, p. 57-72.

²⁹ Cite-se, entre muitos outros documentos dessa simpatia, em especial os que registam as suas relações com António Sardinha, o *depoimento* que

E os rapazes, mesmo os não-crentes, admiravam-no, respeitavam-no e procuravam-no. A menina dos seus olhos, durante esses fecundos anos, eram, porém, os sócios do C.A.D.C. Desde os tempos do *Imparcial*. Neles e com eles procurou formar uma consciência católica, forte, viril, piedosa sem ser piegas ou beata, actuante e esclarecida. Foi um formador de inteligências e um guia seguro das almas, naqueles anos cheios de uma vida vivida para os jovens, e de olhos postos na formação de uma sociedade que fosse na terra, com a perfeição possível, a afirmação da cidade de Deus.

As vidas de Carlos Eugénio Paço d'Arcos e de Fr. Bernardo de Vasconcelos são exemplos conhecidos desse apostolado. Mas quantos outros casos se deixaram ficar, menos evidentes, ou guardados na doce intimidade das consciências! ...

Não admira por isso que fossem os jovens o que mais lhe custou deixar quando, em Março de 1928, se viu escolhido pelo Papa Pio XI para Arcebispo de Mitilene e auxiliar do Patriarca de Lisboa, D. António Mendes Belo. E ao partir, num texto empolgante a que sugestivamente chamou *testamento*, depois estampado no remate das *Cartas aos novos*, dizia:

«Ao deixar-vos, sinto que deixo algo de mim mesmo. Não é sem dor que me aparto de vós, como se me pertencêsseis por natureza. Aqui lançou raízes o meu coração; e, ao ter de me separar de vós, parece-me que me arrancam cá de dentro a própria alma»³⁰.

Este texto, escrito com o coração e ditado, na verdade, pela alma, é um pouco de tudo: despedida, confissão, pedido de perdão por não ter podido fazer mais e melhor, agradecimento ... Mas, para além disso tudo, é uma vibrante mensagem, formulada numa série de apelos e de votos: amai o C.A.D.C.; formai o vosso carácter cristão; esclarecei a vossa Fé; conservai a vossa independência cristã; exercei apostolado.

Tinha, porém, de partir.

deu ao «inquerito às tendências intelectuais modernas», feito pelo jornal *Voz de Coimbra*, dirigido e editado por Luís Costa, e publicado no seu n.º 40, do ano I, em 8 de Março de 1925.

³⁰ *Cartas aos novos*, p. 123.

Logo no primeiro conselho, a 5 de Maio, e mesmo antes da sagração episcopal, que ocorreria a 1 de Junho, na Sé Nova, propôs o Director da Faculdade, que era ao tempo o Doutor Mendes dos Remédios, «que se consignasse na acta a grande satisfação que a Faculdade sentiu pela ascensão daquele professor a tão alto cargo», exprimindo ao mesmo tempo a grande mágoa por se ver privada da sua colaboração tão distinta e prestigiosa³¹.

A 30 de Março, formulara o Senado Universitário votos igualmente calorosos e expressivos³².

O novo prelado não estava presente. Mas deu-se pressa em agradecer, de maneira singela e significativa. Compareceu para isso no conselho de 1 de Junho e tomou a palavra para agradecer «os votos que a Faculdade lhe fez por motivo da sua nomeação e confessa ser com grande mágoa e saudade, só coagido por motivos graves de consciência, que deixa a Faculdade a que deve alguns dos melhores anos da sua vida, e do seu trabalho. Apesar de estar há algum tempo afastado do serviço, quis vir ao conselho para lhe apresentar pessoalmente, com o seu agradecimento, as suas despedidas, o que faz com profunda comoção, pois decerto não voltará como professor na efectividade de serviço»³³.

³¹ «Depois de lida e aprovada a acta da sessão anterior, tomou a palavra o Ex.^{mo} Presidente que, considerando ser esta a primeira reunião do Conselho da Faculdade depois da elevação do Professor Gonçalves Cerejeira à dignidade de Arcebispo de Mitilene, propôs se consignasse na acta a grande satisfação que a Faculdade sentiu pela ascensão daquele Professor a tão alto cargo e se lhe comunicasse esta resolução exprimindo-lhe ao mesmo tempo a grande mágoa da Faculdade por se ver privada da colaboração tão distinta e prestimosa de Sua Ex.^a. O Conselho aprovou por unanimidade esta proposta» (*Actas*, Livro II, fls. 55-55v).

³² «Tendo o Ex.^{mo} Presidente conhecimento da nomeação do Doutor Manuel Gonçalves Cerejeira para o lugar de Arcebispo de Mitilene, propôs e foi aprovado por aclamação, que se lhe dirigissem saudações sinceras pela honra merecida que a Igreja acaba de conceder-lhe, lamentando, no entanto, que a Universidade se veja privada de um dos seus melhores ornamentos, pelo facto do afastamento forçado do ensino do ilustre e mui distinto professor da Faculdade de Letras desta Universidade» (*Actas do Senado*, Livro 3.^o, fol. 170v).

³³ Segue-se, na acta da sessão a resposta do Doutor Mendes dos Remédios: «O Sr. Presidente agradece as expressões de estima e consideração que o Sr. Dr. Gonçalves Cerejeira usou para com a Faculdade e diz aceitar em nome desta as inevitáveis despedidas, fazendo votos pelas felicidades do

Na verdade, só voltaria em Novembro de 1958, para dar a sua última lição que eu, então quintanista de Letras, tive o privilégio de escutar com inesquecível encanto.

Durante aqueles 30 anos, porém, sob as vestes episcopais, nunca o seu coração de *Doctor Conimbrigensis* deixou de bater, ao ritmo compassado de uma saudade sempre viva e serena. É que, como dissera aos rapazes do C.A.D.C., ali lançara raízes o seu coração! E os anos que lá vivera, entre 1909 e 1928, tinham sido, afinal, em palavras e obras, uma simbiose perfeita do professor e do apóstolo.

Por Cristo renunciara a Atena. Mas não a esquecia!

Dos muitos factos que aqui podia aduzir a comprovar como a Universidade perdurava, tenaz, no seu coração e na sua saudade, alguns de índole bem pessoal, escolho um, registado em carta a um dos seus discípulos mais dilectos, que foi o Doutor Manuel Lopes de Almeida:

«Andam-me a solicitar para fazer uma nova edição do Cleonardo. Lembrei-me de aproveitar, se o chegar a fazer, do sumário das cartas do Cataldo e do J. Cardoso, que (se estou bem lembrado) está numa caderneta de notas minhas que em tempos lhe dei. Eu bem sei que é muito feio tirar o que se deu. Mas eu agora não tiro; peço. E só peço numa condição: que o Lopes de Almeida as não queira aproveitar. Se assim for, eu ficava-lhe muito grato, um dia que vá a Coimbra, de procurar aquela velha caderneta entre os seus papéis inúteis. Veja ao que eu cheguei: ter de me contentar com trapos de papéis! E eu que me tinha já despedido destas coisas literárias! Sempre me metem em cada uma!»³⁴

Para além de uma subtil saudade, mal escondida em laivos de humor, esta carta bem pode, aliás, documentar ainda a qualidade inimitável do seu estilo de escrita. Porque, sendo um grande Mestre de História, o Doutor Gonçalves Cerejeira foi também um primoroso homem de Letras. Dir-se-ia até que esse primor da escrita fazia parte integrante da sua personalidade de Mestre. Quando subia à

Sr. Dr. Manuel Gonçalves Cerejeira na sua nova vida, esperando que não esquecerá a amizade com que na Faculdade de Letras sempre foi tratado. Em seguida propôs que a Faculdade se fizesse representar na sagração do Sr. Dr. Cerejeira pelos três professores mais antigos, podendo no entanto agregar-se a estes os que quisessem, o que foi resolvido» (*Actas*, Liv. II, fol. 56).

³⁴ Carta guardada no espólio do Doutor Manuel Lopes de Almeida, pertencente à Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra.

cátedra, como quando escrevia um artigo. Quando fazia uma homilia na cadeira da sua Catedral, como quando escrevia uma carta pastoral aos seus diocesanos.

O que mais impressiona no discurso de Gonçalves Cerejeira é indubitavelmente a claríssima estrutura da disposição retórica. Sob o movimento dúctil das palavras, o leitor sente de imediato o belo e sólido travejamento da *dispositio*. Escolho, quase ao acaso, no vol. I das suas *Obras Pastorais*, o capítulo II da *Saudação ao Clero no primeiro aniversário da eleição para o Patriarcado*:

«Negar-nos-íamos a nós mesmo, queridos Irmãos e Amigos, se vos não amássemos a Vós. Vós fostes-nos dados todos pelo Senhor, como cooperadores na obra do nosso apostolado; estais estreitamente associados connosco no nosso sacerdócio; unidos a nós, fazemos todos um só no Senhor»³⁵.

O esquema do texto torna-se imediatamente visível, uma clara estrutura tripartida: *cooperadores, associados no sacerdócio e unidos num só, no Senhor*.

Depois, cada uma destas três grandes partes, por sua vez, organiza-se de igual modo: *cooperadores no ensinar, no santificar e no governar. Associados, na dignidade sacerdotal, no poder da ordem e na missão jurisdicional, etc.*

Poderá pensar-se que tal organização estrutural, tão visivelmente escolástica, acarretaria uma perigosa monotonia, mas tal não acontece, porque o escritor varia depois a formulação do seu pensamento, a nível da concretização de pormenor.

Ora constrói essa formulação numa dialéctica ágil e viva, sobretudo quando debate ideias ou faz análises críticas; ora prefere um encadeamento lógico, de tipo dedutivo ou indutivo; ora se deixa entusiasmar em crescendos de vibração, sobretudo quando celebra grandes acontecimentos ou prega sobre os mais altos mistérios da Fé.

Depois, o seu pensamento, mesmo quando mais acerbamente discordante, deixa-se penetrar de uma insinuante e subtil sensibilidade, por vezes verdadeiramente lírica, nascida da sua vibratibilidade emocional, mas também cultivada e adquirida através da leitura de poetas: Gil Vicente, Camões, Antero, Herculano; mas

³⁵ *Obras pastorais*, vol. I, 1928-1936. Lisboa, União Gráfica, 1936, p. 34.

também Vitor Hugo, Musset, François Coppé, Shakespeare. Nem sequer lhe faltou o contributo da ficção romanesca, em voga nos seus tempos de estudante, a começar por Paul Bourget.

A permanente familiaridade com os textos da Sagrada Escritura e da Patrística, o conhecimento dos místicos peninsulares, em especial S. João da Cruz e Santa Teresa, bem como o dos grandes oradores sagrados, com evidente preferência pelo Padre António Vieira, completaram os quadros literários de Gonçalves Cerejeira, dando à sua natural sensibilidade poética os meios de expressão que em cada circunstância achava necessários ao embelezamento da mensagem que queria transmitir, para convencer ou mover, de modo a torná-la acessível pela clareza da estrutura e atractiva pelo primor do estilo.

E a temperar a solenidade ou a aridez dos conteúdos não lhe faltava sequer o sorriso da ironia ou o ligeiro tom de folgar. Em artigo de severa erudição arquivística, como as *Notas históricas sobre os ordenados dos Lentes da Universidade* era mister temperar a aridez da matéria com uma ou outra observação de desenfadado comentário. Não hesitava por isso em intercalar no discurso embrechados como este:

«Os lentes da Universidade, com serem (pelo menos à letra do Estatuto) dedicados sacerdotes de Minerva, e exclusivamente consagrados ao seu serviço, não poderiam tê-lo sido, sem que Ceres velasse pela sua conservação, entre outras razões, porque sem o estômago tranquilo não poderiam sequer pensar; mas não se vá supor que o seu valor e ciência fossem apenas função do que comeram, como se poderá dizer talvez dos que nunca pensaram nada...»³⁶.

Não posso alongar-me agora na análise literária do discurso de D. Manuel Gonçalves Cerejeira. Quis apenas mostrar, em breve apontamento, como nele, por obra e graça da sua sensibilidade e da sua cultura, a arte de bem escrever se integra no todo da sua riquíssima personalidade de Mestre universitário e de Bispo. Sendo, pelo estilo, um clássico, foi, pelo pensamento, um moderno. Um moderno que soube, com inexcusável harmonia, conciliar a Ciência

³⁶ *Notas históricas sobre os ordenados dos Lentes da Universidade*. Sep. de «Biblos», vol. II, n.º 12 e vol. III, n.º 1. Coimbra, 1927, p. 6.

da História com o Magistério da Vida, numa missão arrebatadora e total exercida na cátedra universitária e prolongada em cada dia pelo apostolado entusiasta junto de colegas e de estudantes, para levar, pelos caminhos da inteligência, do amor e da verdade, os homens até Deus.

Aníbal Pinto de Castro